

ATUALIDADES EM ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ EUCLIDES DA CUNHA

Introduction: Euclides da Cunha Dossier

Luiz Fernando Conde Sangenis e
Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

A presente seção deste número da *Revista Espaço* do Instituto Nacional de Ensino de Surdos é integralmente dedicada ao escritor, jornalista, engenheiro e cidadão brasileiro **Euclides da Cunha**, no marco do centenário de sua morte (1909-2009). O autor de “Os Sertões”, “À Margem da História” e “Contrastes e Confrontos”, dentre outros, é um escritor *sui generis*, múltiplo, desassombrado e em permanente estado de ebulição literária. Artista científico ou cientista artístico, poeta, cronista, historiador, geógrafo, filósofo, sociólogo, emprestou corajosamente seu discurso à dicção das muitas falas há tempos silenciadas pelos proverbiais processos de exclusão social no Brasil. Cabe, portanto, discutir e ampliar as questões teóricas relativas à importância e à perenidade da obra de Euclides da Cunha, um século depois de seu desaparecimento.

Em suas obras, expressou tensões como as que estão presentes no drama coletivo que se desenrolou em Canudos e na epopeia amazônica dos bravos homens e mulheres da floresta, apontando as contradições que abalavam sua própria identidade de intelectual cindido entre a crença nos ideais de progresso e a perplexidade diante dos desmandos que a civilização promovia em sertões e selvas.

O euclidiano Oswaldo Galotti resume bem o encantamento que o escritor exerce em todos que gostam da boa literatura. À pergunta “Por que Euclides?”, responde assim:

Porque sua obra é a preocupação com a organização social do Brasil. Como autêntico patriota ele denunciou o atraso social e econômico de várias áreas do país que viviam à margem da Nação. Porque com sua cultura e sua sensibilidade procurou nos sintonizar com a realidade brasileira.

Porque, de maneira mais específica, procurou conscientizar os brasileiros sobre a verdade do Nordeste, da Amazônia, da questão de nossas fronteiras e da necessidade de um maior entendimento entre as nações sul-americanas. Porque defendeu, com coerência e convicção, o sentido de liberdade, individual e coletiva, que existe no contexto dos ideais democráticos da República. Porque sua linguagem, tão artística e eloquente, se constitui numa das mais belas e originais páginas da literatura brasileira. Ele sentiu, também, que a linguagem emocional pode tornar o fato científico melhor e mais penetrantemente compreendido. Porque, afinal, foi exemplo à juventude e aos adultos na dedicação aos problemas e ao destino de sua terra e de seu povo, com nobreza, com sinceridade e com retidão. Por todos esses aspectos, EUCLIDES merece o intenso culto que lhe é devotado. (in: www.euclidesdacunhafam/porque; site da Família de Euclides da Cunha, acessado em 20-10-2009.)

Acrescenta-se a esta lista apaixonada o fato de Euclides ter sido um ecologista muito antes de isto constituir uma opção “politicamente correta”, abandonando a vida “familiar” para desbravar selvas e sertões por este Brasil afora, para fazer trabalhos seriíssimos de estabelecimento de fronteiras.

O legado euclidiano teve e tem repercussão incontestável em diferentes países do mundo, em função dos contextos histórico-sociais em que se deram as leituras. O impacto, por exemplo, de “Os Sertões” sobre a sociedade letrada da época de sua publicação explica, ainda, o fenômeno de ter-se inoculado em outros escritores brasileiros, perfazendo um lastro estético que deixou marcas em um Graciliano Ramos, em um Jorge Amado e em um João Guimarães Rosa, em cujas obras se identificam influências literárias significativas de Eu-



ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

17

clides da Cunha. A julgar que esta geração brasileira de escritores entre os anos 30 e 50 do século XX também teve influência sobre os neo-realistas portugueses, como Miguel Torga, pode-se mesmo afirmar que a matriz euclidiana personifica um modo de olhar a terra, a gente, a própria língua portuguesa, para além do escopo geográfico brasileiro, enfim.

A inserção histórica de Euclides da Cunha como intelectual de vanguarda naquele momento da história do Brasil é igualmente híbrida: quixotesca, ele se posta como o anti-arauto da *belle époque*, ressentido com o abandono da retidão e do bom-senso apregoado pelos próceres da República, perplexo com as atrocidades que os ex-companheiros de farda foram capazes de cometer contra os patrícios sertanejos e insatisfeito com os rumos do desenho político e das relações internacionais, especificamente nas questões de fronteira da Amazônia brasileira.

O feito linguístico escolhido por Euclides para trazer ao debate estas questões extremamente contemporâneas é, no entanto, anacrônico já para a época: neobarroco, excessivo, caudaloso – mais uma faceta de sua inserção enviesada ao quadro intelectual. Em Euclides, há uma prosa “bárbara”, grandemente retórica, uma maneira muito própria de ressuscitar um vocabulário e formas sintáticas já perecidos, mas que seguem um fluxo linguageiro também apegado às formas do falar brasileiro. Contraditório, cindido entre fontes lusitanizantes e clássicas, de um lado, e de outro buscando dar voz às expressões tipicamente sertanejas (quer seja no episódio de Canudos ou nos ensaios amazônicos), Euclides da Cunha comparece ao escopo da pós-modernidade oferecendo-nos instigantes interrogações sobre a perenidade de sua obra, especialmente sobre a complexidade de sua criação li-

terária – ficção de um modelo de nação com o qual nos confrontamos, dia após dia.

Apesar da amplitude de seu legado, o escritor nascido na pequena cidade de Cantagalo, interior do estado do Rio de Janeiro, não tem merecido detida atenção dos meios acadêmicos e da mídia, no ano que marca o centenário de sua morte. O descaso dos próprios órgãos oficiais de Educação e Cultura fluminenses bem atesta este equivocado quadro de esquecimento de uma figura que deveria ocupar a centralidade dos debates sobre as questões nacionais para iluminá-las inteligentemente – mas nem o único centro cultural dedicado ao escritor em sua terra natal, Cantagalo-RJ (A Casa de Euclides da Cunha), merece a atenção das autoridades, que para ele há muito não possuem políticas públicas de cultura consistentes.

Daí a importância desta iniciativa da *Revista Diálogo*: a de trazer Euclides novamente à cena contemporânea, pelo tanto que sua obra representa de lucidez e brasilidade, colhida pelas tensões de mundos e olhares muito díspares sobre a realidade nacional, mas justamente por isto provocadora de uma necessária tentativa de conciliação. Em sete artigos de diferentes naipes, produzidos por grandes especialistas e, acima de tudo, apaixonados leitores da obra do escritor, esta publicação deseja ser mais uma chave de entrada neste universo euclidiano, provocando o debate em torno desta figura emblemática do século XX. Entre afetos e juízos históricos, ou entre “contrastes e confrontos”, os escritos de Euclides da Cunha permanecem como porta “aberta”, na clave ambivalente da arte e da técnica, e de fundamental importância no construir de uma interpretação da vida do povo brasileiro, em dada época da história das Américas.

Os organizadores